

# Da bilha ao monumento: o galo branco de São Gonçalo do Amarante

Everardo Araujo Ramos

A origem do galo branco potiguar remonta, pelo que se sabe, a meados do século XX, quando Antônio Soares, ceramista de Santo Antônio do Potengi (distrito de São Gonçalo do Amarante), produz uma bilha – recipiente destinado a armazenar água, também conhecido como “moringa” ou “quartinha” – em forma de galo. A cor branca é resultado do tipo de argila utilizada, chamado “massaranduba”, que adquire uma cor clara com a queima. A peça é decorada com desenhos em baixo relevo representando flores.

O galo branco de Antônio Soares começa a ganhar destaque na década de 1960, quando o então prefeito de Natal, Djalma Maranhão, passa a utilizá-lo em várias iniciativas de promoção e valorização da cultura popular. A partir de então, a peça vai perdendo o estatuto de objeto utilitário, como bilha, e ganha um novo sentido, como símbolo do folclore local.

Esse símbolo se fortalece em seguida, provocando mudanças na própria obra. Tais mudanças ocorrem principalmente pelas mãos de Maria das Neves Felipe, mais conhecida como D. Neném, que iniciou-se na arte da argila como ajudante de Antônio Soares e continuou a produzir o galo branco mesmo após a morte do mestre, ocorrida entre o final da década de 1960 e início da seguinte. Com D. Neném, no entanto, a peça torna-se exclusivamente decorativa e ganha um novo formato, ficando mais alongada e recebendo uma nova decoração: no lugar das antigas flores modeladas em baixo relevo, aparecem flores vermelhas e folhas verdes, delicadamente pintadas com tinta a óleo.

É nesse formato que o galo branco se consolida como principal símbolo do folclore potiguar, passando a ser reconhecido como tal mesmo fora do Rio Grande Norte. E é assim que ele se impõe hoje, sob a forma de uma estátua monumental construída pela Prefeitura de São Gonçalo do Amarante para marcar a contribuição do município à cultura popular do estado.

Da pequena bilha fabricada por Antônio Soares ao monumento dos dias de hoje, passando pelo delicado trabalho de D. Neném, o galo branco potiguar revela, portanto, as diferentes práticas e os diversos significados construídos em torno da cultura material vernacular.